



SEGUNDA VIA

Jorge Listopad

Livros, teatro, vento

VENTO DA ROMÉNIA
Leio um romance de Gabriela Adamestianu, que se chama *Uma Manhã Perdida* (D. Quixote). São umas boas 500 páginas com as quais não se perde uma manhã, mas ganham-se alguns dias. Eis as pessoas que se cruzam com a atribulada Roménia e que nos oferecem informação, mas também o prazer de pura leitura, de como o real ou o infrarreal geram um gobe-lim feito de banalidades com significação. Dizem que é um romance polifônico; porém, creio que o seu *infrarrealismo se centra no centro*, enquanto a polifonia pressupõe a ausência de um único sujeito e onde os sujeitos se confrontam. O grande romancista polifônico para mim é John Dos Passos, esse americano de origem portuguesa que recusa o sujeito cartesiano e, pelo contrário, como disse Julia Kristeva, “distribui diversas instâncias discursivas que o múltiplo pode ocupar simultaneamente”. Mas isto é apenas um suspiro teórico diante desse romance que merece ser levado para a praia.

VENTANIA DE BELA TARR

O crítico Augusto M. Seabra contou os planos desse filme absurdo e tão concreto e material que é a última película do húngaro Bela Tarr; bastaram-lhe os dedos de quatro mãos. Aliás, a especialidade desse realizador suscita uma narrativa diferente, cria outras relações entre os acontecimentos que relata, produz outra visão da realidade e do mundo. Agora, descobrir todo o espanto que o filme inspira, não pode ser feito por palavras, apesar de todas as entrevistas, artigos e comentários. A sua visualidade alucinante pode remeter-nos para a lembrança de várias obras de arte, sobretudo cinematográficas. Algo de austeridade nórdica, alguma essência da dura repetição, sempre com um pequeno desvio e até talvez alguma religiosidade que dele descola: se não cristã, então protestante. Uma planificação rigorosa, condenada a ser assim. O filme, aliás, podia-se contar em dois tempos. O pai, a filha, o cavalo, num aban-

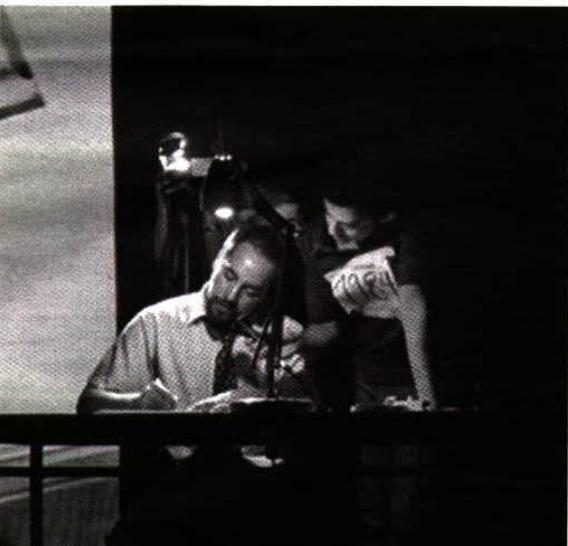
dono total no meio da ventania permanente e severa, que não espera a salvação, mas ora pela existência. Se um futuro Kafka escrevesse um diário dos seus sonhos, aproximar-se-ia desse filme, a meu ver, mais admirado que amado.

DO FUNDÃO

Voltamos a casa, isto é, às *Crónicas do País Relativo* de Fernando Paulouro Neves. Já tinha lido a maioria deles no seu *Jornal do Fundão*, mas, curiosamente, neste livro soam a algo diferente, a procurarem um contexto mais

dezenas de anos com bom gosto, diria com melancólica harmonia, com reflexão sobre o sentido das coisas e da vida.

Quando cheguei a Lisboa, tive a oportunidade de conhecê-lo na sua etapa de jovem esbelto que preferia calar-se no meio das tertúlias vanguardistas poéticas do momento. Eram num café, ou antes, numa gelataria no Saldanha, agora uma lojeca de sapatos. Então, eu, noviço no mercado literário em Lisboa, falei com ele. Falámos. Por vezes ainda continuamos, como neste fim de tarde.



Bela Tarr Algo de austeridade nórdica, alguma essência da dura repetição, sempre com um pequeno desvio e até talvez alguma religiosidade

alargado do que o semanal, uma visão de um beirão que de facto é, mas que também ultrapassa a sua condição primeira. Documento? Sim. Proposta? Também. Visão? Com certeza. Os outros por menores das minha impresões, só oralmente, no Fundão mesmo, enquanto esperamos pelas cerejas prometidas.

JOÃO RUI DE SOUSA

A Associação Portuguesa de Escritores, APE, com a Caixa Geral de Depósitos, CGD, entregaram ao poeta e crítico João Rui de Sousa, o Prémio “Vida Literária”. E assim foi. Numa sala da Culturgest encontraram-se todos os amigos e leitores desse poeta discreto que passa através da poesia tantas

EL AÑO EN QUE NACÍ

No Programa *Próximo Futuro*, com programação de António Pinto Ribeiro, vimos em espetáculo que era antes referente ao passado próximo: nele, 11 indivíduos que nasceram durante a ditadura de Pinochet, relataram o seu dramático currículo, de modo quer dramático quer poético, nessa temporada infernal. Dirigidos por uma não chilena, a argentina Lola Árias, criaram um espetáculo não só de memória e confessional, mas também jocoso, algo infantil, como que para lembrar que nesses dias terríveis eram ainda crianças. Gostei dessa mistura de gêneros, embora o seu *memento* talvez não tivesse força para ultrapassar uma noite de espetáculo.

TRÊS MULHERES EM TORNO DE UM PIANO

Foi para mim o grande momento da semana: o espetáculo teatral criado, sonhado, terrível, diferente, de Jorge Castro Guedes que, em forma de *cabaré* a lembrar mais os cabarés políticos do expressionismo da Europa Central, faz contas contadas com Portugal, com os portugueses, com a Europa, com o mundo. *Cabaré*, sim, mas também uma *crazy comedy* da época dos filmes americanos. Encantamento em dizer bem mal, ajudado pela própria língua que o encenador, aqui também escritor, soube utilizar. Só um grande desespero diante da *opera mundi* podia criar um espetáculo no qual surge, por vezes, Ionesco e, por pequenos momentos, idem Brecht. Antes de lembrar as três raparigas endiabradadas, tenho de falar do local onde vi essa maravilha inteligente. Foi na estreia na Comuna, onde ficou apenas quatro dias, antes de se deslocar a Viana do Castelo e depois só Deus e o diabo sabem.

Ora, as três raparigas, por assim dizer intérpretes: a *senhora bondosa* de Lúcia Maria do Teatro Nacional D. Maria II, a *pobre jovem* de Francisca Lima e a *jovem produzida* de Isabel Francisco. As duas últimas, creio, ainda estudantes de teatro: mas pelo visto deveriam receber muitos créditos.

Diante de uma obra-prima, que é o caso, procuramos sempre algum parentesco para nos assegurarmos: já falei do *cabaré* da Europa Central, mas agora lembro também o teatro teatral de todas as formas de Meyerhold, que abriu janelas para o novo ar livre nas cenas soviéticas, pelo menos por algum curto tempo.

PS: Já há muito tempo que abandonei as críticas teatrais. Esta nota também não serve minimamente para o que chamaria de uma análise do espetáculo como tal. Porém, apetece-me dizer que, nos últimos tempos, a crise moral e económica do teatro português, curiosamente, está a trazer belíssimos espetáculos. Faz lembrar as flores de cores excepcionais e de perfumes requintados, que existem exatamente na borda do deserto, no Egito, no Cairo, Gizé à vista, no horizonte a perder-se.

FÉRIAS

Daqui a um mês, uma outra Segunda Via. Deus sabe onde estarei, nas prometidas férias. Portanto, pouca cultura culta. Mas, pelo contrário, fora de casa, fora de Lisboa, escreve-se e encontram-se melhor as coisas que existem e que gostava de dizer. Estamos combinados. **JL**

